Com esse texto aqui, concluímos as bases que observamos nos dois maiores jornais brasileiros –*Folha de S.Paulo* e *O Globo* – e que ajudam a construir a invisibilização da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa no Brasil, pelos menos, nos primeiros 20 anos da CPLP. Antes desse artigo, tratamos de ausência, da indiferença e da diferença. Agora, partimos para os nítidos indícios de rejeição.

Em certa medida, a atitude de *indiferença* brasileira em relação à CPLP assemelha-se às ações de *diferença* e tem-se ainda uma clara perspectiva da rejeição na indiferença. Tomamos essa rejeição como uma ação proativa diante do que seria um incômodo; é uma ação expressa de reação que nos faz revelar um sujeito – o Brasil – nitidamente parcial, ultrapassando-se a falsa ideia de uma indiferença passiva.

Um dos registros nos jornais que mais revelam esse modo de rejeição do Brasil diante do incômodo de algum tipo de vinculação com a comunidade lusófona é o que traz a notícia sobre o primeiro ano da CPLP. Para lembrar a data do primeiro aniversário dessa entidade, o jornal *O Globo*, em 17 de julho de 1997, publicou uma notícia com o seguinte título: "Países de língua portuguesa contra as drogas". É um pequeno registro que estava na página 11, junto com anúncios publicitários e duas pequenas notas sobre crimes, violência: "Sem terra saqueiam" e "Pedida prisão de piloto". Como lembrar do primeiro aniversário de criação da comunidade lusófona junto com notícias de violência, dentro da editoria que trata de criminalidade.

Esse registro em *O Globo* sobre o primeiro ano da CPLP era uma antecipação de uma reunião de embaixadores dos países de língua portuguesa que ocorreria em Salvador/Bahia naquela data. No texto do jornal, a futura decisão do encontro foi antecipada e ressaltada em *O Globo*: o combate às drogas. Na parte principal da notícia não existe nenhum tipo de balanço sobre o primeiro ano da CPLP, mas ele pode ser visto em um *box*, ao lado, a partir da entrevista com José Aparecido, ex-embaixador do Brasil em Portugal, e um dos idealizadores dessa entidade.

Ao ser preterido como secretário executivo da CPLP pelo governo brasileiro, Aparecido faz críticas pontuais ao pouco interesse do Brasil com a comunidade nesse primeiro ano. Entretanto, é no corpo principal da notícia que a rejeição à ideia de comunidade está claramente posta, ao ancorar seus membros africanos com as drogas.

O texto da notícia inicia com uma afirmação categórica: “O Brasil e os demais países de língua portuguesa vão combater o narcotráfico. Os termos do acordo serão discutidos hoje, no primeiro aniversário da CPLP” (*O Globo*, 17/07/1997, p. 11). Em seguida, o jornal identifica onde está o problema a ser combatido: as drogas que saem dos países lusófonos da África, passa pelo Brasil até chegar aos Estados Unidos e à Europa.

A criminalização das nações africanas sugere que o Brasil desenvolva uma imediata rejeição a essa comunidade que nos envolve em razão de que seríamos, por conta delas, uma rota de tráfico. Isso implica reforçar a ideia de “repelente” visto no avião do governo brasileiro, no permanente combate ao *Outro* africano, no uso de “terceiro mundo”, criminoso, indesejado, essa diferença que contamina a imagem do Brasil e a coloca distante do *Outro* desejado, europeu, estadunidense, o do “primeiro mundo”.

Essa notícia que lembrou o primeiro ano da CPLP e nossa relação com essa comunidade, que para o jornal deve ser de pronta *rejeição*, é basilar no regime de visibilização para os registros seguintes sobre essa comunidade.

Lembremos que em 2002, o mesmo *O Globo* (30/07) tratou a ideia de uma possível “cidadania lusófona”, em que se discutia a mobilidade dos povos dessa comunidade como um caso de polícia. Essa publicação estava na editoria de crimes e o motivo era a possibilidade de “livre circulação de africanos no Brasil”. Essa temática criminal também está em *O Globo* (13/01/2008) quando o jornal fez longa reportagem sobre o “Trampolim africano para a droga na Europa”. O problema eram Guiné-Bissau (tratado pelo jornal como um “Narco-Estado”) e Cabo Verde, postos em visibilização e lembrados como membros da comunidade lusófona, da qual o Brasil faz parte.

Existe esse modo construtivo para rigorosa rejeição em várias notícias sobre os conflitos que envolveram os países dessa comunidade, o tráfico de drogas, as ditaduras, as doenças. Em duas décadas, nos dois maiores jornais brasileiros, há uma espécie de agenciamento de temas e personagens para configurar um quadro de impossibilidade de associação do Brasil com a comunidade lusófona. No Governo Lula, percebemos o quanto essa *mirada* de rejeição foi proposta e amplificada. Mesmo depois dele ter deixado a Presidência, essas relações entre Lula, a CPLP, África, corrupção e ditadura se mantiveram. Veja o exemplo:

Em 2014, já no Governo Dilma, o jornal *Folha de S.Paulo* traz um único registro em que tratou sobre o ingresso da Guiné Equatorial na CPLP. A única fotografia utilizada nessa notícia foi resgatada pelo jornal do ano de 2008, onde apareciam Lula e o "ditador" daquele país se cumprimentando. A presidenta Dilma não aparece nem no texto da notícia. O jornal destaca o apoio de Lula para que a Guiné Equatorial entrasse no "bloco" dos lusófonos, "mesmo sob o protesto de entidade de direitos humanos". A *Folha* despeja sua crítica no filho do presidente Mbasogo, "acusado pelos Judiciários dos Estados Unidos e da França de corrupção e de lavagem de dinheiro".

Temos, assim, mesmo diante de raras notícias em duas décadas sobre a CPLP em *O Globo* e na *Folha de S.Paulo*, a construção de um apagamento que não se deu apenas pela ausência reiterada, mas pela presença de rastros constantes que denunciam uma comunidade lusófona que o Brasil precisa lutar contra, que vai rejeitar. Podemos falar da fabricação de uma imagem de imunidade que os brasileiros podem desenvolver em relação aos demais povos das lusofonias, uma condição *immunis* que tem por base uma cultura de colonialidade muito viva entre nós. Sobre esse último aspecto, vamos tratar nos próximos dois textos.

Imagem de uso gratuito em Pixabay